

No lugar da sala de estar, sala de aula

Professoras cedem a própria casa para que as crianças não fiquem sem estudo

• JOÃO PESSOA e SOLEDADE. A falta d'água não é o único problema das 101.243 escolas do Nordeste. Outro é a escassez de prédios escolares. Pelo menos 11 mil escolas rurais funcionam nas casas das próprias professoras. É o caso de Maria de Lourdes Cordeiro da Silva, de 29 anos, mãe de três crianças e moradora do Sítio Pau Ferro, em Soledade. A casa é de taipa e tem cinco pequenos cômodos: dois quartos, uma cozinha, um alpendre nos fundos e uma sala maior onde ela gostaria de pôr um sofá, o rádio de pilha (não há luz elétrica) e a filha menor, Lidiane, de 5 meses, para brincar.

Em vez de sofá, 17 cadeiras velhas e um quadro-negro

Mas nada disso pode ser feito. A sala maior está ocupada por 17 cadeiras velhas, um quadro-negro, giz e uma estante de aço, onde ela guarda o material didático fornecido pela Prefeitura. A obrigação que seria do Estado invadiu-lhe a sala. Na frente do casebre, a palavra "escola" escrita com carvão é o único sinal de que ali não é uma casa comum.

— A única coisa boa que tem de dar aula em casa é que fico

A SECA E AS ESCOLAS	
• MUNICÍPIOS AFETADOS PELA SECA NO NORDESTE: 1.235 (65%)	• TOTAL DE ESCOLAS PÚBLICAS NA ÁREA RURAL: 72.030
• POPULAÇÃO PREJUDICADA PELA SECA: 9.957.623 (45%)	• TOTAL DE ESCOLAS PÚBLICAS SEM PROTEÇÃO CONTRA A SECA: 16 mil
• TOTAL DE ESCOLAS PÚBLICAS DO NORDESTE: 101.243	• TOTAL QUE FUNCIONA NAS CASAS DOS PROFESSORES: 11 mil

perto das crianças. O bebê dorme, enquanto os dois maiores, Antonino (10) e Ludmila (9), estudam — conta.

Na mesma turma estudam alunos desde a alfabetização até a 4ª série, uma característica normal dessas escolas rurais.

— É horrível dar aula assim. Um já sabe ler, o outro está apenas começando — desabafa a professora Andréa Karla, de Monteiro. Ela perde quatro horas de sono todo dia para cursar Letras em outro município, Arcoverde.

A situação das escolas sertanejas é tão grave que já mobiliza até entidades internacionais, como o Unicef, que, em convênio com a Undime, está instalando as chamadas "salas de situação" em cada estado. Estas salas receberão informações de todos os municí-

pios, o que possibilitará ao Governo fazer um diagnóstico atualizado das escolas, da aprendizagem, dos níveis de evasão e sobretudo dos mecanismos que as escolas rurais dispõem para enfrentar as secas.

Oficial do Unicef: "Vi crianças desmaiando de fome"

Na Paraíba, um pool de empresas públicas e privadas, ONGs e órgãos oficiais permitiu a implantação da sala, que até o fim do ano deverá ter uma radiografia precisa do que está ocorrendo no sertão. Segundo o presidente nacional da Undime, Neroaldo Pontes de Azevedo, além de não possuírem cacimbas, poços, cisternas ou abastecimento convencional, as escolas nordestinas praticamente não contam com expe-

riências de educação ambiental e de busca de soluções para a convivência com a seca. Somente na Paraíba, 193 municípios estarão obrigados a prestar informações. A Undime também está preparando um seminário, do qual deverão participar educadores e ONGs que já trabalham em programas de convivência com as estiagens, como o Projeto Caatinga, de Pernambuco.

— O Nordeste é uma região historicamente prejudicada com as secas e precisa mostrar propostas para enfrentar a situação. Se o educador da área rural é capaz de conseguir um boi emprestado, arranjar uma carroça e até ceder a sua casa para que não falte educação aos sertanejos, é capaz, também, de criar mecanismos para elaboração de livros que trazem a questão da seca para o currículo. É preciso que as crianças do semi-árido sejam vistas como cidadãos, e não como flagelados e excluídos — afirma Azevedo.

— Há escolas que não têm cisternas. Outras têm, mas ficam em locais tão inacessíveis que o caminhão-pipa não chega. A merenda é precária. Vi crianças desmaiando de fome — conta o oficial do Unicef Halim Girade. ■